

**Da emoção à cultura de protesto:
reflexões sobre as manifestações de 2013**

*Emotions and the protest culture:
reflections about the Brazilian manifestations of 2013*

Vinicius CARRASCO¹

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão teórica sobre os protestos brasileiros de junho de 2013 em sua esfera comunicacional. Parte-se do pressuposto de que as emoções que envolvem o ativismo em rede e sua ação comunicativa - enquanto forma de articulação e produção simbólica com a apropriação das mídias ou redes sociais digitais, pelos movimentos sociais contemporâneos - produzem uma forma de comportamento, sociabilidade e agrupamento social que deixa como legado a vivência de uma cultura de protesto. Além da observação, empírica e sistemática do fenômeno, para demonstrar tais aspectos, ampara-se metodologicamente na análise de conteúdo de mensagens postadas na página do Movimento Passe Livre São Paulo (MPL-SP) no *Facebook*.

Palavras-chave: Ativismo em Rede. Comunicação. Cultura. Movimentos Sociais. Cultura de Protesto.

Abstract

This article proposes a theoretical reflection on Brazilian protests of June 2013 in its communication sphere. A part on the assumption that emotions involving activism in network and its communicative action - as a form of articulation and symbolic production with ownership of media or online social networks , by contemporary social movements - produce a form of behavior , sociability and social grouping that leaves as a legacy the experience of a protest culture. In addition to the observation and systematic empirical phenomenon , to demonstrate these aspects , bolsters up methodologically in the message content analysis posted on the Movimento Passe Livre São Paulo (MPL -SP)'s page on Facebook.

Keywords: Network Activism. Communication. Culture. Social Movements. Culture of Protest.

¹ Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Bauru-SP. E-mail: vmcarrasco@hotmail.com

Introdução

As Ciências Sociais estudam a emoção pelo papel que desempenham na cultura e nas interações sociais. Neste aspecto propõe-se uma reflexão teórica sobre as emoções e sua relação com o ativismo em rede e os protestos brasileiros de junho de 2013 em sua esfera comunicacional.

Parte-se de reflexões conceituais sobre afetos, emoções, ação e formas de agrupamento contemporâneos como o ativismo em rede de movimentos sociais, em especial os que desencadearam tais manifestações, para, por fim, com a análise pontual de mensagens postadas no Facebook do Movimento Passe Livre São Paulo (MPL-SP) exemplificar o que elas comunicam e a relação entre emoção como propulsora de ações comunicativas que desencadeiam o ativismo, culminando numa cultura de protesto detentora da esperança de mudança.

Como ponto de partida, recorre-se à noção contemporaneizada de tribalismo, de Michel Mafessoli.

Redes, comunidades, ações, afetos e emoções

Em *O Tempo das Tribos*, Michel Maffesoli (1998, p. 22) afirma que “em todos os domínios, do mais sério ao mais frívolo, dos diversos jogos de faz de conta ao jogo político, na ordem do trabalho como na dos lazeres, bem como nas diversas instituições, a paixão, o sentimento, a emoção e o afeto (re)exercem um papel privilegiado”. Por afeto entende-se a tendência do ser humano de responder positiva ou negativamente às experiências emocionais com pessoas e objetos que o afetam. Os sentimentos surgem com a racionalidade ou tomada de consciência das emoções. Estas, por sua vez, seriam mais instantâneas e motivadoras. O sociólogo francês aborda o que ele chama de comunidades emocionais e afirma que as pessoas se unem por uma emoção coletiva e configuram-se em laços sociais e comunidades efêmeras, mutantes e estruturadas no cotidiano. As mesmas são baseadas em certa proximidade, afinidade ou identificação, gerando emoções, paixões, sentimentos e opiniões, gerando também uma espécie de

emoção coletiva. Ao observar os protestos de junho de 2013, pode-se questionar se tal emoção circundou a atuação dos manifestantes e dos simpatizantes.

Concomitantemente a um cenário de emoções, a metáfora da “tribo” ganhou novas configurações no contemporâneo e permite perceber de forma mais concreta a metamorfose do vínculo social, atenta à saturação da identidade e do individualismo e sua expressão. O termo é repetidamente usado e “em todos os domínios, será o valor dominante para os decênios vindouros” (MAFFESOLI, 2007, p. 98). O tribalismo está relacionado à importância do sentimento de pertença a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda a vida social e, portanto, ao ideal comunitário ou dimensão transindividual, coletiva. Maffesoli defende a ideia de que o mundo e o indivíduo não podem mais serem pensados a partir da *reductio ad unum*, cujo esquema Comte estabeleceu e que *volens nolens* (“querendo / não querendo”) é a base dos diversos sistemas sociológicos anteriores. É preciso retomar o mecanismo da participação mágica: dos outros (tribalismo), do mundo (magia), da natureza (ecologia). (MAFFESOLI, 2007, p. 100).

Hoje, observa-se que os protestos e movimentos ativistas em rede e nas redes ao redor do globo configuram-se conforme o que Maffesoli chama de neotribalismo, uma vez que eles que agregam as pessoas em torno de uma causa, propósito por afinidade ou grupos de interesses comuns. Maffesoli (2007; 1998) utiliza o termo *principium relationis* para definir as formas como se estabelecem as relações nas sociedades tradicionais e primitivas e nas sociedades contemporâneas como as multiformes em que os domínios (religioso, cultural, político e social) são afetados. O indivíduo com identidade estável tem um “deslizamento” exercendo a sua função dentro de situações contratuais para a pessoa com identificações múltiplas, desempenhando papéis em tribos de afeição e sua participação passa a fazer parte do inconsciente coletivo (MAFFESOLI, 2007, p. 10). Na concepção de Maffesoli (2007, p. 101), esse tribalismo marca o fim de uma época: a de um mundo organizado a partir do primado do indivíduo e o retorno da comunidade. Para o sociólogo francês, dado o caráter de fluidez das relações atuais, o que se estabelece entre os indivíduos e entre as instituições nas sociedades contemporâneas não é mais uma relação contratual, mas uma relação de pertencimento na qual os agrupamentos se dão por afinidades, laços de sentimentos (“estar junto”). Tais relações que se configuram nesse neotribalismo podem ser

relacionadas à dinâmica da rede, ao presente vivido coletivamente por agrupamentos que se estruturam ou se estabelecem em torno de causas comuns ou éticas específicas em busca de identidades que se configuram de forma afetiva, transitória, efêmera, emocional e que coletivamente são capazes de estabelecer a socialidade entre os indivíduos. Tais indivíduos ou grupos das sociedades contemporâneas passam a ter papéis e não mais funções como nas sociedades modernas, adotando uma estrutura mais orgânica do que a estrutura mecânica que se experimentava no período anterior.

Maturana (1998, p. 15) também aborda esse viés orgânico e destaca essa relação entre emoção, ação e o social. Ele afirma que, quando falamos de emoções, fazemos referência ao domínio de ações em que um animal se move. Da mesma forma, não há ação humana se uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato e para que ocorra o “estar juntos” em interações seria necessária uma emoção fundadora particular. “Não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção” (MATURANA, 1998, p. 22). A linguagem, enquanto sistema simbólico de comunicação, permite o “entrelaçamento” com o emocionar, estando relacionada com as coordenações da ação. Assim, a emoção adquire uma característica fundamental para entender as ações humanas.

A metáfora da rede, assim como a da tribo, também vem sendo utilizada como forma de explicar ou definir as dinâmicas e problemáticas que envolvem a cibercultura e a própria sociedade contemporânea e suas formas de articulação, entre as tecnologias digitais e a sociedade, ou o tecnológico e o social. Segundo Rüdiger (2011), a expressão cibercultura passou a se popularizar nos anos 1990 criada pela fusão dos termos cultura e cibernética, o neologismo passou a ser empregado com intenção classificatória, à medida que ia progredindo a exploração mercadológica e publicística da nova plataforma de comunicação. Para Kerckhove (2009, p. 143) a cibercultura é o produto da multiplicação da massa e das redes pela velocidade, com as tecnologias do vídeo intensificadas pelas tecnologias da informática. A cibercultura pode ser entendida como o conjunto de saberes, hábitos e discursos (sociais, políticos, econômicos, históricos, artísticos) e, como toda cultura, é derivada de processos dinâmicos, fruto das dimensões sociais e técnicas presentes no contexto histórico de seu desenvolvimento (LEMOS, 2014, p. 413).

O ativismo em rede e os movimentos sociais

Por ativismo, entende-se o engajamento em uma ou mais causas em busca da transformação da sociedade por meio da ação. O ativismo é a potencialização da ação política do indivíduo ou da coletividade e tem se expandido com essas tecnologias, que permitem um tipo de agrupamento e interação que até então não havia sido experienciado.

Segundo Di Felice (2013a; 2013b), as culturas ecológicas contemporâneas, as práticas de sustentabilidade, os movimentos de ativismo digital através de formas de conflitualidade realizadas mediante as interações com social *networks*, são as expressões de um novo tipo de ação social, não mais direcionada ao externo, nem apenas resultante de práticas provocadas por um condicionamento informativo ou técnico. O teórico afirma que surge a necessidade de se pensar um novo tipo de ação, biótica, técnica e informativa ao mesmo tempo, e um novo tipo de meio ambiente, interativo e dinâmico, que é possível habitar somente por meio de interações tecno-humanas, reticulares e colaborativas, que envolvem “dispositivos, circuitos elétricos, bancos de dados e às demais pessoas, muitas vezes, também conectadas a dispositivos, circuitos elétricos, bancos de dados e às demais pessoas”. Tal ativismo vem sendo desempenhado pelos movimentos sociais que emergiram ao redor do mundo nas últimas décadas.

Entende-se por movimentos sociais as ações sociais coletivas de caráter socio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas e, em geral, “possuem identidade, têm opositor e articulam ou fundamentam-se em um projeto de vida e de sociedade” adotando diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até o que ela chama de pressões indiretas (GOHN, 2011, p. 335-336). Os movimentos sociais são definidos como articulações da sociedade civil constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadores de direitos e que se organizam para reivindicá-los e podem assumir configurações dependendo de suas motivações, do lugar, do tempo histórico e da conjuntura em que se movem. Um

movimento social pressupõe a existência de um processo de organização coletiva e se caracteriza pela consistência dos laços, identidades compartilhadas, durabilidade e clareza no uso de táticas, estratégias ou propostas de programas para determinados setores (PERUZZO, 2013, p. 76).

Para Castells (2013, p. 15), os movimentos sociais exercem o contrapoder constituindo-se mediante um processo de comunicação autônoma e transformadora, livre do controle dos que detêm o poder institucional. Segundo Castells (2013, p. 18) no plano individual, os movimentos sociais são emocionais. Para ele, o “*big bang* de um movimento social começa quando a emoção se transformam em ação”. Castells retoma a concepção da teoria da inteligência afetiva segundo a qual as emoções mais relevantes para a mobilização social e o comportamento político são o medo (um afeto negativo) e o entusiasmo (um afeto positivo) que, por sua vez, liga-se a dois sistemas motivacionais básicos resultantes da evolução humana: aproximação e evitação. Os indivíduos entusiasma-se quando são mobilizados para um objetivo que apreciam e isso se relaciona, segundo Castells, a outra emoção positiva: a esperança.

De fato, a mudança social envolve uma ação individual e/ou coletiva que é, em sua essência, emocionalmente motivada, da mesma forma que todo comportamento humano, segundo recente pesquisa em neurociência social. No contexto das seis emoções básicas identificadas por neuropsicólogos (medo, aversão, surpresa, tristeza, felicidade e raiva), a teoria da inteligência afetiva em comunicação política argumenta que o gatilho é a raiva, e o repressor, o medo. [...] Quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a uma ação e mudança coletivas, prevalece a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo, que reforça a mobilização societária intencional. Indivíduos entusiasmados, conectados em rede, tendo superado o medo, transforma-se num ator coletivo consciente. Assim, a mudança social resulta da ação comunicativa que envolve a conexão entre redes de redes neurais dos cérebros humanos estimuladas por sinais de um ambiente comunicacional formado por redes de comunicação. A tecnologia e a morfologia dessas redes de comunicação dão forma ao processo de mobilização e, assim, de mudança social, ao mesmo tempo como processo e como resultado. (CASTELLS, 2013, p. 158)

Depois dos anos de 1960, com os novos padrões da sociedade pós-industrial, as formas de mobilização se modificaram deixando de ser marcadas por determinada atividade, pelo trabalho ou classes, passando a ser manifestações de grupos marginais ou minorias excluídas. Dessa forma, os movimentos sociais aparecem como o novo ator coletivo, portador de uma mudança cultural demandando uma democratização no âmbito da sociedade civil (ALONSO, 2009, p. 60-61). Eles surgem como reação a

“situações-problema” da sociedade contemporânea e defendem formas com autogestão e modelos participatórios sem influência dos partidos de massa, da indústria cultural e da mídia, nas quais a comunicação livre fosse possível através da expressão utilizada para afirmação de identidades coletivas e manutenção de autonomia através da reapropriação do tempo, do espaço e das relações cotidianas. Alonso (2009, p. 67) afirma que embora Touraine, Habermas e Melucci tenham teorias particulares, para todos eles, os movimentos sociais da segunda metade do século XX teriam demandas simbólicas em busca do reconhecimento de identidades ou de estilos de vida e recorrem à ação direta, baseada numa organização fluída, sem hierarquia descentralizada, desburocratizada dirigindo-se à sociedade civil e não ao Estado, almejando mudanças a longo prazo. A partir dos anos 1990, as teorias dos movimentos sociais voltaram-se experiências de produção de sentidos e de identidades coletivas deslocando seu foco da estrutura para a cultura. Com isso, foram feitas aproximações entre a teoria do espaço público (Habermas) com a de sociedade civil (Touraine), deslocando os estudos dos movimentos sociais para arenas públicas, implicando em discussões que vão além do ativismo, mas sobre participação social.

Roza (2012, p. 60-61) afirma que durante os anos 2000 a temática sobre questões como emoção e violência, deixadas de lado até então, ganham destaque. Coube a Jeffrey Alexander esse resgate ao debater comparativamente as noções de *frames* e de representações coletivas (“estados de consciência coletiva diferentes dos estados de consciência individual, sistemas simbólicos e categorias cognitivas”). Nessa perspectiva, elas seriam consideradas “estados psíquicos sem consciência, que não passam pela intencionalidade da ação” não sendo interpretáveis e sim performances ou rituais fundamentais para reforçar laços sociais e suas coesões ao atualizar a experiência prática de vivenciá-los. É por esse motivo que as emoções deixam ser patológicas e passam a interessar aos estudos sobre mobilização. Florence Passy² destaca o processo de engajamento que constrói as identidades individuais e potencializa a participação para por fim dar movimento à ação e apresenta três funções principais das redes para os movimentos sociais: função de socialização, que por engajamento gera interação e participação; função de conexão estrutural, que enfatiza a ação coletiva enquanto

² Para aprofundar a questão recomenda-se a leitura de PASSY, Florence. Social networks matter. But how. In DIANI, M. e MCADAM, D. (ed). *Social movements and networks: Relational approaches to collective action*, Oxford: Oxford Univ Press, p.21-48, 2003.

oportunidade por meio de movimentos sociais, demonstrações públicas, manifestações, ativismo etc. e; função de modelagem, que prevê a tomada de decisão antes da ação (ROZA, 2012).

Os protestos de 2013 e seus articuladores

Os protestos que ocorreram no Brasil em 2013 eclodiram em forma de manifestações populares contra o aumento das tarifas do transporte coletivo das principais capitais brasileiras como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Segundo os organizadores, estima-se que dois milhões de pessoas tenham saído às ruas entre junho e agosto de 2013, em 483 municípios, e que as manifestações superaram a marca de dois milhões de pessoas. Só em junho as manifestações foram realizadas em 353 cidades brasileiras e atingiu em 20 de junho a marca histórica de milhão de pessoas num único dia de mobilização (GOHN, 2013, p. 8). Contudo, ao longo das manifestações, observou-se uma ampliação da pauta, que foi se tornando cada de vez mais difusa e ampliada para questões sociais como educação, saúde, segurança, corrupção, carga tributária e até os gastos públicos com eventos esportivos como a Copa das Confederações, realizada na ocasião de parte dos protestos, e a Copa do Mundo de 2014, além da PEC 37³.

Na cidade de São Paulo, a maior metrópole brasileira, três coletivos se destacaram: os *Black Blocs*, o *Anonymous* e o Movimento Passe Livre-SP. Tais coletivos utilizaram-se da dinâmica das redes, a partir das redes sociais digitais para articular os protestos e suas ações, entre elas o *Facebook*, que reúne 89 milhões de pessoas no Brasil (80% dos internautas brasileiros).

Criado nos Estados Unidos, na primeira década deste século, o coletivo *Anonymous* é um grupo formado por legiões de coletivos, ou seja, muitos usuários de comunidades *on-line* simultâneas que têm entre as características pessoas cujas identidades são desconhecidas ou preservadas. Ações creditadas ao *Anonymous* são realizadas por indivíduos não identificados que se autointulham "anônimos". O grupo tem como marca a máscara inspirada em Guy Fawkes, um soldado católico que, em

³ A Proposta de Emenda Constitucional 37/2011, PEC 37, foi proposta pelo deputado Lourival Mendes (PT do B do Maranhão) para limitar o poder de investigação criminal a polícias federais e civis, retirando-o de, entre outras entidades, o Ministério Público. Em 25 de junho de 2013, em plena efervescência dos protestos, ela foi posta em votação e rejeitada com 430 votos contrários, nove votos a favor e duas abstenções.

1605, tentou explodir o Parlamento Inglês no episódio conhecido como “Conspiração da Pólvora”, popularizado pelo filme *V de Vingança* (*V for Vendetta*, 2005, direção James McTeigue). Esse coletivo, que foi associado ao hacktivismo⁴, ganhou notoriedade depois dos ataques à seita Cientologia⁵ e, em 2010, “realizou um cerco cibernético às empresas que aturam contra o *WikiLeaks*, site de denúncias criado por Julian Assange”, passando a questionar o sistema de representação política e a forma como se dá a participação política. O grupo assume ações dos movimentos *Occupy Wall Street*, Primavera Árabe e o combate internacional à censura na internet, utilizando as redes e tecnologia para participação direta. No Brasil, atua desde 2011, quando assume a invasão do site do governo federal (GOHN, 2014, p. 51-55) e conta com mais de 80 mil seguidores no Twitter⁶ e 254 mil fãs no Facebook⁷. O coletivo paulistano, por sua vez, tem 24.725 fãs no Facebook⁸ e 438⁹ no Twitter¹⁰.

O Movimento *Black Bloc*, considerado por muitos como anarquista, foi criado no início dos anos de 1980 na Alemanha e era ligado no início ao movimento autonomista da então Alemanha Ocidental. A tática dos *Black Blocs* foi adotada também por adeptos do Movimento Anarcopunk, que surgiu nos anos de 1970 no Reino Unido, trouxe a tônica da violência aos protestos de junho. Grupos que utilizam a estratégia *Black Bloc* ganham projeção no noticiário nacional e internacional a partir do sexto ato contra a tarifa (GOHN, 2013; ESPÍRITO SANTO, 2014). Eles são compostos por agrupamentos pontuais de indivíduos ou grupos de pessoas formados durante uma marcha ou manifestação. A expressão refere-se a uma forma específica de ação coletiva, uma tática que consiste em formar um bloco em movimento no qual as pessoas preservam seu anonimato, graças em parte, às máscaras e roupas pretas (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 10 apud GOHN, 2014, p. 58-59). Eles repudiam as formas de democracia representativa e adotam a ação direta como tática de luta, pregando o uso da violência. Na lógica *Black*

⁴ Hackativismo ou ativismo *hacker* é um termo controverso, que aqui será usado para referir-se à ação ciberativista de grupos que utilizam linguagem de programação de computador (o código fonte) para promover ideologias políticas. O termo está associado a atos destrutivos e ataques à segurança dos computadores na internet.

⁵ Cientologia é um conjunto de crenças e práticas criado por L. Ron Hubbard (1911–1986), em 1952. Para saber mais acesse: <http://www.scientology.pt/>

⁶ <https://twitter.com/AnonBRNews>

⁷ <https://www.facebook.com/AnonBRNews>

⁸ <https://pt-br.facebook.com/AnonSaoPaulo>

⁹ <https://twitter.com/anonymousbrsp>

¹⁰ Todos os dados são 05 de junho de 2015.

Bloc a violência acaba sendo uma forma de expressão, protesto e contestação, mas, contudo, isso também gerou leituras negativas dos protestos, em especial a depredação do patrimônio público e privado, dividindo a opinião pública, e, até de certa forma, prejudicando a imagem das manifestações e dos demais grupos nela envolvidos.

Outro coletivo que ganhou projeção depois dos protestos de 2013 foi o Movimento Passe Livre (MPL)¹¹. O MPL foi fundado oficialmente em 2005, durante a plenária do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, mas teve como antecedentes a chamada “A Revolta do Buzu”, na Bahia, em 2003, e a “Revolta da Catraca”, em Florianópolis, no ano seguinte. A página do Facebook do MPL foi criada no dia cinco de junho de 2011¹². No dia 14 de junho de 2013, ela contava com 58.350 seguidores (“curtidas¹³”) e até o fim dos primeiros atos de protestos de 2013 já possuía aproximadamente 295 mil “curtidas” e atualmente apresenta mais 300 mil “curtidas”.

As mensagens em e na rede

A ocupação das ruas e os canais e comunicação na internet como *sites* e redes sociais digitais foram depositários de emoções e mensagens de caráter simbólico que ganharam projeção, configurando num novo espaço público de debate, híbrido de espaço urbano e do ciberespaço e desencadeador de uma nova forma de comportamento social, uma nova forma de cultura de protesto. Emoções que, em alguns casos, traduziram-se sob os signos da depredação e da violência nas ruas. Mensagens que carregavam críticas e um descontentamento com relação ao Estado que tem deixado a desejar em demandas básicas como saúde, transporte, educação, outros serviços essenciais e na administração de gastos públicos.

Além da observação, empírica e sistemática, do fenômeno e da análise bibliográfica até aqui apresentada, o presente estudo ampara-se metodologicamente na

¹¹ Mais informações sobre o Movimento Passe Livre (MPL) na página oficial (<http://www.mpl.org.br>) ou em seu perfil no Facebook (<https://www.facebook.com/MovimentoPasseLivrempl/info>), nas páginas de coletivos como sua vertente paulistana, o MPL-SP (<http://saopaulo.mpl.org.br/>) ou no perfil no Facebook (<https://www.facebook.com/passelivresp/info>) ou no site <http://tarifazero.org/mpl/>.

¹² No Facebook, perfis se destinam a usuários individuais e podem reunir até cinco mil “amigos” enquanto as páginas são destinadas a organizações, instituições, empresas ou personalidades públicas, tendo um número ilimitado de seguidores.

¹³ Termo relacionado à aprovação positiva de determinada publicação ou página do Facebook e, que, ao se referir ao determinado endereço de usuário reflete basicamente o número de seguidores das páginas destinadas a grupos, organizações ou pessoas notórias.

análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Tal análise contempla mensagens da página do MPL-SP no *Facebook*, publicadas em junho de 2013, apresentadas de modo pontual¹⁴ a fim de demonstrar a relação entre ativismo em rede e emoções nessa cultura de protesto. A página foi utilizada pelo MPL-SP para comunicação oficial com os usuários e para convidá-los para os eventos dos protestos, como forma de manifestação da posição do movimento sobre determinado fato (o que ocorreu por meio de notas e postagens), para divulgação da dinâmica dos atos de protestos, indicando, por exemplo, sua geolocalização (em que local estavam), para descrição do andamento das ações e na tentativa de apresentar suas propostas e reivindicações. Para os usuários, a página basicamente cumpriu o papel de dar vazão à manifestação de opiniões.

Nos comentários de uma postagem do dia 19, por exemplo, observam-se em maior número mensagens de incentivo às manifestações (33 registros/ocorrências na amostra analisada), que se encoraja a romper o medo, como as da tabela seguinte.

Tabela 1 - Comentários com mensagens de incentivo às manifestações.

Data e horário	Usuário	Comentário
19/06 - 16:04	Beto Costa	Parabens !! ao Movimento Passe Livre São Paulo
19/06 - 16:40	Carlos Eduardo	O poder subestimando o entendimento do povo.
19/06 - 16:13	Rodolfo Augusto Riacho	#VEMPRARUA
19/06 - 16:40	Pedro Henrique Laviano	MPL tamo junto! #vemprarua #oGiganteAcordou

Fonte: Elaborada pelo autor.

A crítica política, em especial ao prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, ao governador Geraldo Alckmin e à presidente Dilma Rousseff, também são frequentes como se observa em exemplos de comentários reproduzidos na tabela a seguir. Notem que “covardes” e “piada” são termos carregados de emoção/indignação usados para representar respectivamente os três e o prefeito Haddad nos exemplos relacionados.

Tabela 2 -Exemplos de comentários com crítica política.

Usuário e data	Comentário
Paulo Emilio Alvarenga 19 de junho	<i>O prefeito Haddad é uma piada mesmo (não, eu não me refiro às cagadas do Enem, de quando ele era ministro da educação) eu me refiro às "questões técnicas" que supostamente impediriam a redução da tarifa do ônibus de R\$3,20 para R\$3,00. Vamos fazer uma continha simples: A</i>

¹⁴ Uma análise mais detalhada dessa problemática a partir da atuação do MPL no Facebook pode ser encontrada em CARRASCO, Vinicius. #descontent@mento - O que comunicam os Protestos Brasileiros de 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/ Unesp, Bauru, 2015.

16h17	<i>prefeitura do município (que na época era do Kassab) doou R\$ 420.000.000,00 (420 milhões) ao Corinthians para a construção do ITAQUERÃO, em forma de CID (Certificados de Investimento ao Desenvolvimento). Se somente esse dinheiro fosse dividido por R\$0,20 (os tais vinte centavos), daria para a prefeitura subsidiar 2.100.000.000 (dois bilhões e cem milhões) de viagens de ônibus a R\$ 3,00 (subsidiando apenas os 20 cents). Quanto tempo isso significaria de passagem sem aumento??? Responda essa prefeito, por favor...</i>
Daniela Bezeze Karasawa 19 de junho 17h29	Esta discussão está se polarizando. O MPL está sendo irresponsável ao divulgar que outras cidades baixaram os preços das passagens sem gerar outros custos ou cortes em outros setores. Alckmin e Haddad podem ser covardes, sim, mas os donos das empresas ...
Ivan Silvati 19 de junho 16h16	<i>FORA GERALDO!</i>
Simone Cabral 19 de junho 16h07	<i>Vocês estão esperando o que? Tira esse prefeito dai!</i>

Fonte: Elaborada pelo autor.

As autoridades e políticos, por sua vez, têm associados a eles termos negativos e que conotam desaprovação como “corruptos”, “fascistas”, entre outros, como exemplificado na tabela a seguir.

Tabela 3 - Comentários - representação social das autoridades.

Data e horário	Usuário	Local onde postado	Comentário
12 de junho de 2013 às 00:22	Victor Mesquita	Comentário da Nota 3	Infelizmente as autoridades fascistas desse Estado não estão abertas ao diálogo. Utilizam a repressão da Polícia contra a manifestação social. Depois reclamam do vandalismo.
19 de junho de 2013 Às 16:21	Carolina Ssaot	Comentário da Nota 9	Que o prefeito, o governador, a presidenta, façam valer a justiça, recuperem o dinheiro desviado pelos corruptos, e comecem a pagar as contas que ELES DEVEM ao povo brasileiro!

Fonte: Elaborada pelo autor.

No material analisado são comuns postagens que reproduzem uma interação oralizada na qual a presença da emoção é ainda mais espontânea ou evidente. O comentário de Gabriel Rezende Vaz, no dia 10 de junho de 2013, às 13h44, relacionado à primeira nota do MPL-SP é um exemplo:

Igor Issao, um movimento Apartidário que quer aparecer para se filiar... você está mal informado. Tirar político é uma causa grande? Trocar sujo pelo mal lavado pra você pode ser algo grande, só que pra gente, melhorar a qualidade e o custo de vida do povo é muito maior. (VAZ, 2013: [Postagem na internet])

O comentário é uma resposta ou reação ao comentário de outro usuário:

vocês parecem os políticos que estão no poder [...]Se vê que a briga é sempre por causas pequenas. Quero ver brigar para tirar a Dilma, e aquele monte de deputados que não trabalham, do poder. Quero ver brigar para tirar o

Alckimin e o PSDB do poder também. Vocês não querem melhorar nada, só querem achar uma forma de aparecer e se filiar a um partido para ter uma comissão na roubalheira que é o nosso Brasil. (Issao, 2013).

Percebe-se, assim, que a interação entre os autores de comentários é mais dinâmica do que a interação entre o movimento e tais autores. Nos comentários que aparecem na tabela a seguir, por exemplo, tem-se a impressão de uma discussão acalorada com o uso de palavrões, inclusive, como as que se tem presencialmente. Alguns tomam partido a favor da polícia, outros em relação aos manifestantes ou ao movimento.

Tabela 4 - Exemplos de postagens que reproduzem uma discussão oral.

Data e horário	Usuário	Comentário
13 de junho de 2013 às 18h04	Ronaldo Pereira	<i>Eu espero que estes marginais FIQUEM PRESOS DURANTE MUITO TEMPO!! A polícia está de parabéns! Pq vocês não vão brigar com a Dilma, que deixou a inflação disparar ? Destruir o bem público é coisa de MASSA-DE-MANOBRA!</i>
13 de junho de 2013 às 18h19	Ronaldo Pereira	<i>E aí José Guilherme, vc é massa-de-manobra e não consegue perseber! O Comunismo acabou há muito tempo e vc ainda está pensando em ditadura! Veja se muda o disco e vai lutar pelas coisas certas!</i>
13 de junho de 2013 às 18h21	José Guilherme Zago	<i>Foda-se o que você pensa. Vem pra luta. Mostra de que lado você estado. Que está do lado da força, que está do lado da truculência, de Haddad, do PSDB, de Maluf, das empresas de ônibus, do maior juro do mundo. Quem é o alineado ? Fique bem quieto e vá ver sua novela.</i>
13 de junho de 2013 às 18h25	Fuchs Erick	<i>A ação da polícia, de revistar e prender os bandidinhos retardados que denigrem a posição do movimento todo é muito bem vinda! Espero que revistem e prendam toda essa minoria escrota que adora provocar!</i>

Fonte: Elaborada pelo autor.

As imagens postadas na rede social, em especial que demonstram cenas de violência ou repressão contra os manifestantes ou depredação dos patrimônios público e privado, parecem gerando desaprovação e indignação dos usuários em relação ao vandalismo.

Tabela 5 - Exemplos de comentários contrários ao vandalismo.

Data e horário	Usuário	Comentário
12 de junho de 2013 – 3h01	Jose Antonio S. Batista	<i>viva a juventude consciente mais nao vandalismo ...</i>
11 de junho – 22h27	Vitor Camargo	<i>Manifestar sim,fazer vandalismo não!</i>
19 de junho de 2013 – 16h04	Nilton Rodrigues	<i>sou a favor da mobilização, agora violência naum o que vão fazer para conter os bardeneiros?</i>
20 de junho de 2013 às 16h21	Noraldo Neto	<i>Galera que vai participar da manifestação... Segue uma ideia baseada nas manifestações na Argentina: Quando os vândalos começavam a quebrar tudo lá, os verdadeiros manifestantes se sentavam, assim</i>

		<i>facilitava a ação da polícia para reprimir e prender os culpados por esses tipos de ações mesquinhas. Podemos usar isso como ação na nossa manifestação, pois queremos uma cidade melhor e não uma cidade destruída."</i>
--	--	--

Fonte: Elaborada pelo autor.

Observa-se que os comentários e manifestações de opiniões carregam impressões e emoções tanto positivas ou negativas, emoções reativas que levam à mobilização nas ruas e também à expressão nas redes sociais digitais que são canais de comunicação que tornam público.

Considerações finais

Neste artigo, se discutiu do ponto de vista teórico o papel das emoções desencadeadoras de agrupamentos e formas de socialidades que resgatam no modelo tribal o espírito autêntico gerador da ação, aspectos inerentes ao ativismo em rede e dos movimentos sociais contemporâneos. Foram apresentados alguns desses movimentos a fim de compreender a dinâmica dos protestos de 2013 e de seus principais articuladores, permeando tais ações sob o ponto de vista cultural, de seu significado simbólico gerador de identidades e alteridades e seu poder comunicativo. Tais reflexões são fruto da análise sistemática do fenômeno que ainda carece de entendimento. Até certa medida, as tecnologias de informação e comunicação, apropriadas pelos atores em rede, permitiram visibilidade dos coletivos e suas propostas, ampliaram as vozes de seus integrantes e simpatizantes e a projeção dessas vozes, se tornaram meios de interação, manifestação de opinião e, sobretudo, descontentamento.

O ativismo em rede é via de reação e protesto, engloba a reunião coletiva, a cooperação, o associativismo em prol de causas comuns. Do ponto de vista comportamental, as emoções teriam sido catalizadoras a partir de junho de 2013 de uma atitude reativa (cultura de protesto) da população que passou a acreditar, na mobilização popular, na articulação de ações políticas através de atos concretos nas ruas e na utilização das redes sociais e mídias digitais como forma de ativismo, participação e de exercício da cidadania. Tal experiência carrega consigo a esperança de mudança e transformação social diante de uma crise de representação, das instituições políticas e

do esvaziamento do Estado somada a anseios urgentes que passam por demandas básicas como educação, saúde, transporte e mobilidade urbana.

As emoções traduzidas em forma de atos concretos nas manifestações ou de mensagens nas ruas e nas páginas das redes sociais digitais podem até certo modo ser expressões verbais de uma espécie de catarse individual ou coletiva que traduzem a necessidade dos indivíduos ou grupos de serem ouvidos e vistos e/ou um descontentamento que merece ser observado pelas esferas competentes. Se a partir de 2013 essa cultura de protesto vivenciada pela sociedade civil brasileira através da comunicação e do ativismo em rede surge depositária de grande anseio pela construção de uma democracia em que o exercício da cidadania seja pleno, hoje, o modelo de democracia em vigor possui seus entraves e também limita o poder de tais iniciativas.

Essas mensagens de descontentamento precisam ser lidas, interpretadas e gerar mudanças, o que não necessariamente depende dos movimentos ou grupos que se mobilizaram e sim de quem a mobilização ou causa pretende atingir. Se em rede e nas redes as emoções permitiram a manifestação clara desse descontentamento que mobilizou a sociedade civil resgatando até o aspecto do civismo e da cidadania, apesar de certas limitações intrínsecas ao modelo das democracias ocidentais, é preciso por parte do Estado e demais instituições políticas atender tal clamor e tais demandas. Afinal, emoções não são apenas subjetivas, elas repercutem na coletividade e convidam movimento, mudanças.

Referências

ALONSO, Angela. *As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate*. Lua Nova, São Paulo, n. 76, p. 49-86, 2009.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet*. Jorge Zahar Editor Ltda, 2013.

DE KERCKHOVE, Derrick. *A pele da cultura*. Annablume, 2009.

DI FELICE, Massimo. Net-Ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. *Contemporânea | comunicação e cultura* - v.11 – n.02 – mai-ago 2013a – p. 267-283

_____. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. *MATRIZES*, v. 7, n. 2, p. 49-71, 2013b.

_____. Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social. *Revista USP*, Brasil, n. 92, p. 6-19, fev. 2012.

_____. *Netativismo: novos aspectos da opinião pública em contextos digitais*. International Association for Media and Communication Research. IAMCR 2011. Disponível em: <http://netativismo.files.wordpress.com/2011/10/artigo_massimodifelice.pdf> . Acesso em: 10 out. 2012.

GOHN, Maria da Glória. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, 2011.

JASPER, James M. The emotions of protest. In: GOODWIN, Jeff and JASPER, James M. *The social movements reader: cases and concept – second edition*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2009.

LEMOS, André. Tecnologia e Cibercultura. In: BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; FRANÇA, Vera Veiga. (Org.). *Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores*. 01ed. São Paulo: Contexto, 2014, v. 01, p. 412-420.

_____. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Sulinas, 2013.

MAFFESOLLI, Michel. *Tribalismo pós-moderno: da identidade às identificações*. Ciências sociais Unisinos, v. 43, n. 1, p. 97-102, 2007.

_____. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou? *MATRIZES*, v. 7, n. 2, p. 73-93, 2013.

ROZA, Erick Andre. Net-ativismo: comunicação e mobilização em contextos reticulares. 2012. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-20052013-151543/>>. Acesso em 09 jun. 2013.

RÜDIGER, Francisco. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

_____. Cultura e Cibercultura-princípios para uma reflexão crítica. *Logos*, v. 18, n. 1, 2011.

TARROW, S. *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.